

# OS JOVENS E O SUICÍDIO

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Crepet, Paolo

Os jovens e o suicídio : compreensão e prevenção / Paolo Crepet ;  
tradução de Darlei Zanon. - São Paulo : Paulus, 2026. Coleção Desenvolvimento  
socioemocional.

Bibliografia

ISBN 978-85-349-6095-3

Título original: Le dimensioni del vuoto : i giovani e il suicidio

1. Suicídio - Prevenção 2. Jovens – Comportamento suicida I. Título  
II. Zanon, Darlei

26-0780

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Suicídio - Prevenção

### Coleção **Desenvolvimento Socioemocional**

---

- *Para além de regras e limites: um guia para pais e educadores*, Luciana Maria Caetano
- *Os jovens e o suicídio: compreensão e prevenção*, Paolo Crepet
- *Como conversar com um adolescente para que te escute: um guia para pais e educadores – Amigos, emoções, amor e sexualidade*, Jordi Nomen

PAOLO CREPET  
TRADUÇÃO: DARLEI ZANON

# OS JOVENS E O SUICÍDIO

COMPREENSÃO E PREVENÇÃO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Le dimensioni del vuoto: I giovani e il suicidio*

© Giangiacomo Feltrinelli Editore Milano

Primeira edição em "Saggi", maio de 1993

Oitava edição, março de 2021

#### **Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

#### **Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

#### **Revisão**

Tiago José Risi Leme

Tatianne Francisquetti

Carlos Antônio S. Maia

Vinicius Nergues

#### **Design**

Alicia de Sousa Camelo

#### **Imagem da capa**

Freepik

#### **Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.

Televidas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

#### **© PAULUS - 2026**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-6095-3

# Índice

7	<b>Prefácio</b>
13	<b>Introdução</b>
23	<b>1. Angústia de viver, medo de crescer</b>
23	Do conceito de morte às teorias interpretativas do comportamento suicida entre os adolescentes
23	Consciência da morte em crianças e adolescentes
32	Teorias interpretativas do comportamento suicida de adolescentes
51	<b>2. Os lugares do desespero</b>
51	Epidemiologia do comportamento suicida entre adolescentes em todo o mundo
53	As dimensões de uma tragédia planetária
56	Relação entre suicídio e tentativa de suicídio
60	Variáveis sociodemográficas que influenciam o comportamento suicida de jovens
66	Comportamento suicida entre estudantes
69	Fatores predisponentes e fatores precipitantes
76	Por que o suicídio aumenta entre os jovens?
81	<b>3. Quando o fio rompe</b>
81	<b>O serviço psiquiátrico e a família diante do suicídio</b>
82	A história de Teresa
92	Ao redor de Teresa: a contribuição da pesquisa da OMS sobre os comportamentos suicidas na Emília-Romanha (Itália)
95	Comportamento suicida e serviços de saúde mental: a experiência italiana quinze anos após a reforma psiquiátrica
97	Objetivos e limites organizacionais dos serviços psiquiátricos italianos em relação ao suicídio de adolescentes
100	Após o suicídio de Teresa: o difícil processo de luto coletivo
115	Comportamento suicida entre mulheres: negação de uma evidência?

121	<b>4. A sedução fatal</b>
121	A influência dos meios de comunicação no comportamento suicida
123	O conceito de imitação segundo Durkheim
126	A explosão dos meios de comunicação e seu consumo por adolescentes
129	O efeito Werther: hipóteses de David Phillips sobre o suicídio imitativo
131	Comportamentos suicidas como processos imitativos divulgados pelos meios de comunicação: análise das principais pesquisas empíricas
137	Comportamentos suicidas como processos imitativos veiculados pelos meios de comunicação: limites metodológicos e interpretativos do fenômeno
143	É possível noticiar o suicídio sem correr o risco de induzi-lo?
147	<b>5. O presságio do absurdo</b>
147	Como avaliar o risco de suicídio
147	O caranguejo na areia
148	Preconceitos, lugares-comuns, equívocos e simplificações
154	Características individuais e fatores de risco que influenciam o suicídio entre adolescentes
163	A previsibilidade do suicídio: algumas questões metodológicas
165	Comunicação de risco: modalidades para intervenção precoce
171	Avaliação do risco de suicídio em adolescentes: conselhos práticos para profissionais da saúde
173	<b>6. A torre e o dragão</b>
173	O papel das escolas na prevenção do suicídio
174	A história de Lucas
181	Prevenção primária: resistência
184	Prevenção primária: objetivos
186	Prevenção primária: conteúdos qualificadores
190	Prevenção secundária
196	Prevenção terciária: pós-intervenção
201	Voltemos a Lucas
205	<b>Referências bibliográficas</b>

# Prefácio

A publicação desta edição de *Os jovens e o suicídio* tem para mim o sabor contraditório de satisfação confundida com amargura.

Por um lado, orgulho-me do fato de que um ensaio sobre um tema tão complexo como o suicídio juvenil continue atraindo leitores, diversos anos após sua primeira publicação. Esse era precisamente meu objetivo na época, ou seja, romper com o debate estéril entre especialistas e profissionais, para afirmar que o comportamento suicida não é e não pode ser interpretado como uma forma específica de patologia psíquica, mas deve ser visto como o sintoma mais trágico que nossa sociedade persiste em remover de sua consciência: as diversas formas de angústia e de inquietações juvenis, ou mais especificamente a condição existencial de uma geração inteira. Por um longo tempo, inúmeros profissionais do campo da saúde mental, juntamente com grande parte da opinião pública (infelizmente apoiada pela comunicação social), interpretaram diversos dos sinais de crescimento de nossos jovens como categorias específicas de sofrimento mental, oferecendo classificações especiais para elas, juntamente com terapias e locais de atendimento personalizados. Foi o que aconteceu em relação às drogas, à bulimia e à anorexia, aos comportamentos autodestrutivos, às novas formas de violência juvenil. O resultado é zero, nada mudou: a cada ano, emergem novos sinais de preocupação, continuam a ser construídas redes de serviços cuja eficácia se desconhece, trabalhos são oferecidos a profissionais que não sabem como e por quanto tempo devem intervir. Os noticiários relatam histórias que as pessoas não querem entender, histórias descritas para satisfazer as necessidades de cidadãos transformados em *voyeurs* da dor alheia. Depois, a página é

virada, até a próxima tragédia, até um novo funeral. As estatísticas permanecem implacáveis diante de nossos olhos, não podem ser omitidas: nos últimos vinte anos, o aumento de suicídios entre jovens foi de quase 100%, e o número de crimes cometidos por menores nos últimos quinze anos aumentou 150%. Alguém se preocupa com esse cataclismo social?

O presente livro foi escrito numa época em que praticamente não se podia falar da ansiedade da juventude, e do suicídio ainda menos. No entanto, naquela época, como hoje, o comportamento autolesivo é a segunda principal causa de morte entre os jovens, precedida apenas por acidentes de trânsito e empatada com as overdoses.

Com o presente ensaio, tentei oferecer uma pequena contribuição para a interpretação de nossos sentimentos de culpa, para que professores, pais e assistentes sociais não possam alegar desconhecimento.

Por outro lado, esta nova edição representa, paradoxalmente, uma derrota. Nos últimos anos, eu gostaria de ter visto mais livros publicados, gostaria de ter visto disseminadas novas e mais informadas políticas de intervenção, gostaria de ter visto o debate político e social sobre essas questões ser aprofundado e assumir um tom mais responsável e sério. Percebo que, dessa perspectiva, todos saímos derrotados. Nós, como adultos responsáveis; eles, como jovens imaturos e irresponsáveis.

Nossa sociedade está envelhecendo visivelmente, não apenas em termos demográficos, mas, sobretudo, em termos culturais. Um país em constante luta com a previdência, um país desprovido de uma política educacional séria, no qual a seleção da nova classe dirigente é confiada à riqueza e à pertença a clãs: tudo isso retrata uma comunidade social que caminha para o declínio. Por que não conseguimos falar de felicidade?

Lembro-me de que, no dia de sua posse, o primeiro-ministro italiano Massimo D'Alema pronunciou um discurso no qual

afirmou que não era papel dos governos e dos políticos se preocuparem com a felicidade individual. Pensei nos milhões de jovens que o escutaram. Que esperança pode haver para um adolescente se a política se preocupa apenas com verbas ou com as relações entre partidos políticos? Quem pode realmente se contentar em ter matado os sonhos de uma geração, sem que esses jovens sequer sejam compensados pelo crime que sofreram?

A psiquiatria clínica ensina que um dos principais sintomas da depressão é a perda da esperança. No entanto, quando não é apenas um indivíduo que a perde, mas sua própria comunidade de pertença, qual será o destino daquela civilização?

Quando escrevi este livro, tinha em mente muitas histórias de adolescentes e jovens que conheci em meu trabalho como psiquiatra, histórias de jovens que não queriam mais viver. A pesquisa epidemiológica e a estatística enriqueceram os dados subjetivos, acrescentando a dimensão macroscópica: o resultado foi devastador.

Todavia, estou convencido de que aquelas mortes contêm uma dimensão metafórica que nos ajuda a compreender a natureza do destino de cada indivíduo, e simultaneamente capaz de superar a singularidade de cada uma daquelas histórias de vida. Tais projetos de morte individuais falam da agonia à qual nossa civilização parece condenada, sem rebelião possível, como se todos aceitássemos com indiferença o horrível presságio.

A morte a que me refiro não é a biológica, a única de que nos ocupamos com algum sucesso. Refiro-me ao eclipse da alma e das suas emoções, uma morte que não oferece sinais de alerta. O fim de nossa irracionalidade, de nossa componente emocional, está acontecendo. E as pessoas – a maioria de nós – persistem em não querer compreender, em recusar-se a ver. Se o espaço emocional de uma criança é reduzido à vantagem exclusiva e única de sua esfera cognitiva, tornamo-la frágil, dependente, incapaz de acreditar em si mesma. Se uma criança cresce com

seu tempo preenchido por todo tipo de atividade, excluindo sua sensibilidade, ou seja, o uso dos seus sentidos, como será amanhã um adulto confiável e maduro? Como conseguirá não temer as relações afetivas? Como sobreviverá no mundo futuro confiando apenas em suas capacidades cognitivas?

Nós, habitantes do Ocidente pós-industrial, emocionalmente analfabetos, construímos um mundo que se assemelha a nós, no qual o crescimento exige endurecimento. Fingimos ignorar que a rigidez psicológica é a premissa da nossa infelicidade. Obrigamo-nos a esquecer que a emotividade, unida à cultura dos sentimentos, é a única esperança para escapar do tédio, o único antídoto eficaz para a repetitividade arrepiante de nossa vida metropolitana. A liberdade poderia ter nos dado cores, mas tendemos a preencher nossos dias com cinza e preto. Basta atravessar qualquer rua da nossa cidade, basta olhar para a fila de carros, e vemos a morte gravada na agressividade e na melancolia daqueles milhares de rostos imóveis que aguardam o retorno para casa no fim do dia.

De onde um jovem deveria extrair a esperança? Por que não deveria ele também juntar-se silenciosamente à miserável monotonia dos nossos bairros? Quem pode ensinar a eles a beleza como oportunidade renovável, a emoção como recurso inesgotável, a rebelião como antídoto ao conformismo de uma cultura estratificada e desprovida de diversidade?

Quem escuta a sensibilidade de um jovem que quer morrer? Quem pode realmente dizer que precisamos dele e dela, porque representam nosso limiar crítico? Por que insistimos em retirar seus espinhos, em entorpecer seus gritos, sem ter a coragem de escutar a dor de seus silêncios?

Este livro busca dialogar com as escolas, as famílias e os bairros onde os jovens tentam viver. Fiz isso correndo o risco de machucá-los, de intensificar seus sentimentos de culpa,

de ser esnobado por uma respeitabilidade desenfreada, de minhas palavras serem abafadas por uma necessidade invencível de segurança.

Recentemente, trabalhei com um grupo de adolescentes em Gênova (Itália). Tentei ensiná-los a perder tempo, explicando que perdê-lo não significa desperdiçá-lo ou ficar ocioso, mas simplesmente dar espaço à criatividade e à capacidade de nos escutarmos. Analisamos um dia normal dos adolescentes e descobrimos que jantam em quinze minutos. Tentamos pintar o dia deles com cores vibrantes para destacar emoções fortes, e cinza para destacar o tédio: pintaram o tempo escolar inteiramente de cinza, exceto o intervalo de cinco minutos.

E se um adolescente, um deles, tivesse um problema inesperado que surgisse em sua existência, uma pergunta muito angustiante, uma lágrima inexplicável, a quem poderia recorrer naqueles quinze minutos na mesa do jantar ou naquele cinza aterrador de sua escola?

O suicídio de um jovem não surge de grandes problemas, mas de pequenos choques inadvertidos, pequenas derrotas cotidianas que flutuam como manchas de óleo no mar da indiferença dos adultos.

Se este livro cair nas mãos de um adolescente ou jovem, daqueles que olham como se ninguém e nada em suas vidas fizesse sentido; se este livro puder, por um momento apenas, interromper seu projeto destrutivo, então ele terá encontrado seu significado.

Se este livro puder acabar na bolsa de uma mãe que ainda não suspeita de nada, no bolso do casaco de um pai distraído e excessivamente ocupado, e se for uma oportunidade para eles se olharem nos olhos e se perguntarem: “Está realmente tudo bem?”, descendo por um momento do trem em movimento para se perguntar sobre Maria, Tiago, seu mundo, suas esperanças, seus medos, então este livro terá cumprido sua função.

Uma coisa é certa: escrever este livro me ajudou, permitiu-me transferir minha inquietação e minha insatisfação para estas palavras, na esperança de polinizar alguns adultos com minhas dúvidas.

E se alguém, folheando estas páginas, conseguir sentir a emoção que as acompanhou, então posso me considerar verdadeiramente satisfeito.

Paolo Crepet

# Introdução

Há alguns anos, numa noite abafada de início de verão, participei de um debate público sobre suicídio. A sala, uma enorme biblioteca do século XIX, estava lotada, e alguns, sem conseguir encontrar lugar para sentar, acompanhavam as discussões apoiados nas estantes de madeira. Todos os tipos de pessoas estavam presentes: estudantes, aposentados, intelectuais, *socialites*, acadêmicos.

Eu observava com curiosidade aqueles rostos suados, abertos em um silêncio quebrado apenas pelo farfalhar dos jornais usados como leques. Perguntei-me por que tantas pessoas tinham vindo àquela sala naquela noite e por que se sentiam atraídas por um tema tão perturbador quanto inusitado. Perguntei-me se era uma curiosidade emergente, sinal de inquietação profunda e generalizada, ou se era apenas o ressurgimento de uma questão antiga, a expressão de uma distante e inata inquietação da vida.

Enquanto os outros palestrantes expunham suas argumentações, procurei uma explicação.

Nunca como hoje em nossa sociedade a fronteira entre o conceito de vida e o de morte se tornou tão tênue e sutil; não porque o primeiro tenha perdido seu significado em favor do segundo, mas sim porque ambos perderam muito de seu significado sagrado: nossa existência não constitui mais um bem improvável e efêmero, nem prefigura uma experiência inevitavelmente exposta à dor e ao sofrimento, na qual cada ano é arrancado de um percurso marcado por um destino potencialmente adverso. Hoje, ao contrário, o progresso humano nos permitiu pensar a vida como direito universal e inalienável que promete à maioria de nós uma existência livre do pesadelo de traumas imprevisíveis

ou ameaças obscuras. Desejar a alguém que chegue aos 100 anos não implica mais um ato de fé, um sacrifício imprudente ou o apelo a uma expectativa fatalista de um destino benigno, mas significa, mais simplesmente, referir-se a uma probabilidade estatística não insignificante.

Tal progresso, no entanto, esconde um aspecto contraditório. Os avanços da medicina e a melhoria das condições de vida (pelo menos na parte do planeta onde vivemos) conduziram a um prolongamento não natural da existência: quantos idosos e quantos pacientes terminais são forçados a sobreviver em condições que nenhum deles teria aceitado se tivesse realmente podido decidir seu próprio destino? Hoje em dia, o medo não é tanto a probabilidade de uma morte prematura, mas, com maior frequência, a perspectiva de uma vida prolongada de forma insana, desprovida de sentido e privada da liberdade fundamental de encerrá-la no momento e da maneira que se desejar.

Parece, portanto, ter desaparecido progressivamente de nossa existência a cultura “natural” da morte, aquela inextricavelmente ligada ao destino ou produzida pela vontade divina, enquanto aquela decidida e controlada pelo conhecimento científico se impõe cada vez mais.

Tais fatores contribuíram para o crescimento de uma “necessidade de irracionalidade”, manifestada pela disseminação de práticas antigas e novas: do esoterismo às crenças extraterrestres, das novas formas de misticismo às mais extravagantes propostas psicoterapêuticas. Todavia, seria um grave erro acreditar que esse fenômeno representa apenas uma massiva regressão coletiva. A necessidade de irracionalidade abrange pelo menos duas exigências: devolver as questões relativas à vida (e à morte) a uma sacralidade libertada da invasão das pretensões mais absurdas do racionalismo científico, trazendo a subjetividade de cada pessoa de volta ao centro de sua busca; e expandir o poder do indivíduo de controlar seu próprio destino e a qualidade de sua existência.

Não há dúvida de que a medicina desempenhou um papel significativo na determinação do que está acontecendo: se, por um lado, conseguiu derrotar muitas causas de sofrimento e enfermidades, por outro, no entanto, não conseguiu dar novo significado à vida; nem se pode dizer que, ao prolongar a existência, tenha conseguido torná-la mais feliz e gratificante. A medicina, de fato, se distanciou progressivamente de um interesse pela globalidade do indivíduo para estabelecer uma visão parcial, privilegiando um código abstrato de interpretação de suas necessidades. Nesse profundo vazio deixado pela ciência oficial, a necessidade de irracionalidade só pode crescer, conquistando novos e imprevisíveis espaços: entre os motivos que impulsionam muitas pessoas para as mãos de charlatões ou profissionais das ciências ocultas não está também a necessidade cada vez mais sentida de serem compreendidas em sua totalidade, e não como órgãos a serem anatomizados ou sintomas a serem decodificados? Por trás do recurso à horda de cartomantes, magos, médiuns e feiticeiras que diariamente enganam milhares de espectadores ou infelizes, não estará uma esperança genuína de devolver o sentido a uma existência desprovida de escuta e de curiosidade?

Resgatar o significado do próprio destino, em seu aspecto racional e irracional, implica, portanto, a plena reaquisição do conceito de morte, em sua complexa e diversificada fenomenologia, instrumento paradoxalmente necessário para restaurar o sentido de nossa própria existência. Nesse processo de restauração, é provável que resida uma das motivações inconscientes que nos aproximam de um tema tão inquietante como o suicídio.

Enquanto, para muitas pessoas, o suicídio é fonte de crescente curiosidade e de ansiedade mal disfarçada, para outras, representa objeto de profunda e necessária negação. Durante séculos, aquele que tira a própria vida (ou aquele que tenta fazê-lo) foi julgado por códigos morais e jurídicos: somente mais